



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0266/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 30/09/2025**

Prefeito de Riade conclui visita oficial ao Japão



O Prefeito inaugurou o Fórum da Visão Saudita 2030 em Osaka na presença de líderes japoneses e internacionais.

O Prefeito de Riade, Príncipe Faisal bin Abdulaziz bin Ayyaf, e sua delegação acompanhante concluíram recentemente uma visita oficial ao Japão.

Enquanto visitava o Japão, o Prefeito inaugurou o Fórum Visão Saudita 2030 em Osaka, na presença de líderes japoneses e internacionais.

Seu discurso de abertura destacou a história das relações entre os dois países e seu desenvolvimento nas últimas sete décadas, culminando em 2017 com o lançamento da Visão Saudita-Japão 2030 para fortalecer a cooperação e a parceria. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita e outras nações árabes e muçulmanas apoiam plano de paz de Trump para Gaza



O presidente dos EUA, Donald Trump, fala durante uma colectiva de imprensa conjunta com o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu (não retratado) na Sala de Jantar de Estado da Casa Branca, em Washington, DC, EUA, 29 de setembro de 2025.

Ministros das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Jordânia, Emirados Árabes Unidos, Indonésia, Paquistão, Turquia, Qatar e Egito expressaram apoio a um plano de paz para acabar com a guerra em Gaza revelado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, nesta segunda-feira.

Ele anunciou sua proposta durante uma colectiva de imprensa conjunta com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, após conversas entre os dois líderes na Casa Branca. Os ministros árabes e muçulmanos emitiram uma declaração conjunta na qual saudaram os "esforços sinceros" de Trump e expressaram confiança em sua capacidade de "encontrar um caminho para a paz" na região.

Eles destacaram a importância de trabalhar em parceria com Washington em busca da paz, descrevendo a proposta como uma chance de avançar em um acordo abrangente, informou a Agência de Imprensa Saudita. O plano oferece uma estrutura para a estabilidade, acrescentaram.

A proposta, contida em um documento de 20 pontos divulgado pela Casa Branca, inclui um acordo de cessar-fogo, uma troca de reféns mantidos pelo Hamas e prisioneiros palestinos mantidos por Israel, uma retirada israelense de Gaza, o desarmamento do Hamas e a reconstrução de Gaza com a ajuda da comunidade internacional. A ajuda humanitária teria permissão para fluir para Gaza em grandes quantidades, com esforços de socorro executados por "organismos internacionais neutros", incluindo a ONU e o Crescente Vermelho. Não haveria deslocamento forçado de palestinos do território.

Os EUA trabalhariam com parceiros árabes e outros parceiros internacionais para criar uma autoridade de transição para supervisionar a segurança em Gaza. A Autoridade Palestina internacionalmente reconhecida inicialmente teria um papel "representativo" limitado nisso, e espera-se que se comprometa com reformas antes que seu papel possa

ser expandido, com o objectivo de eventualmente ser capaz de governar. Embora a proposta se refira à possibilidade final de "um caminho confiável para a autodeterminação e o Estado palestino", os detalhes disso eram vagos.

Netanyahu disse que apoiava o plano de Trump. No entanto, alguns elementos parecem contradizer as opiniões anteriormente declaradas de seu governo, em particular aquelas relacionadas à possibilidade de a Autoridade Palestina eventualmente governar Gaza.

O plano também requer o acordo do Hamas, que seria obrigado a se desarmar voluntariamente, entregando-se efectivamente. Trump alertou que, se o grupo rejeitar o acordo, ele poderá dar às autoridades israelenses ainda mais liberdade para continuar sua campanha militar no território devastado pela guerra. Além de apoiar o plano de paz de Trump para Gaza, os ministros das Relações Exteriores árabes e muçulmanos também saudaram a promessa do presidente de bloquear qualquer tentativa de Israel de anexar a Cisjordânia como um passo significativo.

Os ministros delinearam uma série de compromissos que acreditam ser essenciais para uma paz duradoura, muitos dos quais foram cobertos pelo plano de Trump: esforços para garantir que ajuda humanitária suficiente chegue a Gaza livre de obstruções; a prevenção do deslocamento forçado de palestinos; a libertação de reféns; estabelecimento de um mecanismo de segurança para todas as partes; e uma garantia de retirada total de Israel do território. Eles acrescentaram que a reconstrução de Gaza e o progresso em direcção a uma solução de dois Estados para o conflito entre israelenses e palestinos, no qual Gaza e a Cisjordânia fazem parte de um Estado palestino totalmente soberano, eram "a chave para alcançar a estabilidade e a segurança regionais". **Fonte-Reuters.**

Ministério do Investimento e Fundo Cultural assinam acordo para atrair empresas internacionais



A assinatura ocorreu durante a Conferência de Investimento Cultural, organizada pelo Ministério da Cultura no Centro Cultural Rei Fahd, em Riade.

O Ministério do Investimento assinou um memorando de entendimento com o Fundo de Desenvolvimento Cultural para explorar áreas de cooperação em investimento cultural e atrair empresas internacionais para o sector cultural saudita. A assinatura ocorreu durante a Conferência de Investimento Cultural, organizada pelo Ministério da Cultura no Centro Cultural Rei Fahd, em Riade.

O MoU visa fortalecer a parceria entre os dois lados, explorando oportunidades de investimento e desenvolvendo iniciativas que contribuam para atrair empresas internacionais líderes para operarem no sector cultural. Isso aumentará a competitividade do sector cultural e a sua contribuição para a economia nacional. A assinatura do memorando está alinhada com o papel do Fundo de Desenvolvimento Cultural como centro de excelência e capacitação financeira, complementando os esforços conjuntos para criar um ambiente de investimento cultural atraente e solidário. Abrirá novos horizontes para investidores locais e internacionais, apoiando os objectivos da Visão Saudita 2030, que visa tornar a cultura um motor econômico e um pilar do desenvolvimento sustentável. **Fonte-Arab News.**

O Príncipe Faisal bin Salman lidera reunião sobre o Hajj e o Projecto de História das Duas Mesquitas Sagradas



Acima, o Príncipe Faisal bin Salman durante a reunião sobre o Hajj e o Projecto de História das Duas Mesquitas Sagradas.

O Príncipe Faisal bin Salman bin Abdulaziz, conselheiro especial do Guardião das Duas Mesquitas Sagradas e presidente do Conselho de Administração da Fundação Rei Abdulaziz para Pesquisa e Arquivos (Darah), liderou recentemente a segunda reunião do Comitê Supremo de Supervisão para a História do Hajj e o Projecto das Duas Mesquitas Sagradas. O projecto visa estabelecer uma referência de conhecimento abrangente que documente a história das Duas Mesquitas Sagradas e os rituais do Hajj e da Umrah ao longo dos tempos, ao mesmo tempo em que registra marcos importantes em seu serviço.

O compromisso também se alinha com o compromisso nacional de aprimorar o conteúdo islâmico e preservar a memória histórica do Reino. Inicialmente lançada como uma enciclopédia acadêmica intitulada "Enciclopédia do Hajj e as Duas Mesquitas Sagradas", mais tarde se expandiu para uma iniciativa nacional pioneira conhecida como História do Hajj e o Projecto das Duas Mesquitas Sagradas. O comitê revisou a sua agenda durante a reunião, que incluiu o anúncio dos Eventos Históricos na Biografia Profética: Perspectivas sobre o Fórum de Investigação e Documentação, que será realizado em Medina em conjunto com o Fórum Umrah. O objectivo é discutir planos para estabelecer um museu permanente dedicado à história do Hajj e das Duas Mesquitas Sagradas. **Fonte-Arab News.**

Plano de paz de 20 pontos de Trump para Gaza divulgado pela Casa Branca



O presidente Donald Trump observa enquanto o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, faz comentários durante uma coletiva de imprensa conjunta na Casa Branca, ontem, segunda-feira.

Depois de dias de especulação, a Casa Branca divulgou ontem segunda-feira um plano de 20 pontos para acabar com a guerra de quase dois anos em Gaza, libertar reféns mantidos pelo Hamas e delinear o futuro do território palestino.

Falando ao lado do presidente Donald Trump na Casa Branca, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, deu um apoio cauteloso ao plano.

Aqui está o plano, conforme divulgado pela Casa Branca:

- 1.** Gaza será uma zona livre de terror desradicalizada que não representa uma ameaça para seus vizinhos.
- 2.** Gaza será reconstruída para o benefício do povo de Gaza, que já sofreu mais do que o suficiente.
- 3.** Se ambos os lados concordarem com esta proposta, a guerra terminará imediatamente. As forças israelenses se retirarão para a linha acordada para se preparar para a libertação dos reféns. Durante esse período, todas as operações militares, incluindo bombardeio aéreo e de artilharia, serão suspensas e as linhas de batalha permanecerão congeladas até que as condições sejam atendidas para a retirada completa em etapas.
- 4.** Dentro de 72 horas após Israel aceitar publicamente este acordo, todos os reféns, vivos e falecidos, serão devolvidos.
- 5.** Assim que todos os reféns forem libertados, Israel libertará 250 prisioneiros condenados à prisão perpétua e 1.700 moradores de Gaza que foram detidos após 7 de outubro de 2023, incluindo todas as mulheres e crianças detidas nesse contexto. Para cada refém israelense cujos restos mortais forem libertados, Israel liberará os restos mortais de 15 moradores de Gaza falecidos.

6. Assim que todos os reféns forem devolvidos, os membros do Hamas que se comprometerem com a coexistência pacífica e com a desativação de suas armas receberão anistia. Os membros do Hamas que desejarem deixar Gaza receberão passagem segura para os países receptores.
7. Após a aceitação deste acordo, a ajuda total será imediatamente enviada para a Faixa de Gaza. No mínimo, as quantidades de ajuda serão consistentes com o que foi incluído no acordo de 19 de janeiro de 2025 sobre ajuda humanitária, incluindo reabilitação de infraestrutura (água, electricidade, esgoto), reabilitação de hospitais e padarias e entrada de equipamentos necessários para remover escombros e estradas abertas.
8. A entrada de distribuição e ajuda na Faixa de Gaza prosseguirá sem interferência das duas partes por meio das Nações Unidas e suas agências, e do Crescente Vermelho, além de outras instituições internacionais não associadas de forma alguma a nenhuma das partes. A abertura da passagem de Rafah em ambas as direcções estará sujeita ao mesmo mecanismo implementado no acordo de 19 de janeiro de 2025.
9. Gaza será governada sob a governança transitória temporária de um comitê palestino tecnocrático e apolítico, responsável por fornecer o funcionamento diário dos serviços públicos e municípios para o povo de Gaza. Este comitê será composto por palestinos qualificados e especialistas internacionais, com supervisão e supervisão de um novo órgão internacional de transição, o "Conselho da Paz", que será chefiado e presidido pelo presidente Donald J. Trump, com outros membros e chefes de Estado a serem anunciados, incluindo o ex-primeiro-ministro Tony Blair. Este órgão definirá a estrutura e cuidará do financiamento para a reconstrução de Gaza até que a Autoridade Palestina tenha concluído seu programa de reforma, conforme descrito em várias propostas, incluindo o plano de paz do presidente Trump em 2020 e a proposta saudita-francesa, e possa retomar o controle de Gaza com segurança e eficácia. Este órgão recorrerá aos melhores padrões internacionais para criar uma governança moderna e eficiente que sirva ao povo de Gaza e seja propícia para atrair investimentos.
10. Um plano de desenvolvimento econômico de Trump para reconstruir e energizar Gaza será criado com a convocação de um painel de especialistas que ajudaram a criar algumas das prósperas cidades milagrosas modernas do Médio Oriente. Muitas propostas de investimento ponderadas e ideias de desenvolvimento empolgantes foram elaboradas por grupos internacionais bem-intencionados e serão consideradas para sintetizar as estruturas de segurança e governança para atrair e facilitar esses investimentos que criarão empregos, oportunidades e esperança para o futuro de Gaza.
11. Será estabelecida uma zona económica especial com tarifas preferenciais e tarifas de acesso a negociar com os países participantes.
12. Ninguém será forçado a deixar Gaza, e aqueles que desejarem sair serão livres para fazê-lo e livres para retornar. Encorajaremos as pessoas a ficarem e oferecer-lhes-emos a oportunidade de construir uma Gaza melhor.

- 13.** O Hamas e outras facções concordam em não ter nenhum papel na governança de Gaza, directa, indirectamente ou de qualquer forma. Toda a infraestrutura militar, terrorista e ofensiva, incluindo túneis e instalações de produção de armas, será destruída e não reconstruída. Haverá um processo de desmilitarização de Gaza sob a supervisão de monitores independentes, que incluirá a colocação de armas permanentemente fora de uso por meio de um processo acordado de descomissionamento e apoiado por um programa de recompra e reintegração financiado internacionalmente, todos verificados pelos monitores independentes. A Nova Gaza estará totalmente comprometida com a construção de uma economia próspera e com a coexistência pacífica com seus vizinhos.
- 14.** Os parceiros regionais fornecerão uma garantia para garantir que o Hamas e as facções cumpram suas obrigações e que Nova Gaza não represente uma ameaça para seus vizinhos ou seu povo.

- 15.** Os Estados Unidos trabalharão com parceiros árabes e internacionais para desenvolver uma Força Internacional de Estabilização (ISF) temporária para ser implantada imediatamente em Gaza. A ISF treinará e fornecerá apoio às forças policiais palestinas em Gaza e consultará a Jordânia e o Egito, que têm vasta experiência neste campo. Essa força será a solução de segurança interna de longo prazo. A ISF trabalhará com Israel e Egito para ajudar a proteger as áreas de fronteira, juntamente com as forças policiais palestinas recém-treinadas. É fundamental impedir que munições entrem em Gaza e facilitar o fluxo rápido e seguro de mercadorias para reconstruir e revitalizar Gaza. Um mecanismo de desconflitação será acordado pelas partes.
- 16.** Israel não ocupará ou anexará Gaza. À medida que as ISF estabelecem controle e estabilidade, as Forças de Defesa de Israel (IDF) se retirarão com base em padrões, marcos e prazos vinculados à desmilitarização que serão acordados entre as IDF, ISF, os fiadores e os Estados Unidos, com o objectivo de uma Gaza segura que não represente mais uma ameaça para Israel, Egito ou seus cidadãos. Na prática, as FDI entregará progressivamente o território de Gaza que ocupam às ISF de acordo com um acordo que farão com a autoridade de transição até que sejam completamente retiradas de Gaza, excepto por uma presença de perímetro de segurança que permanecerá até que Gaza esteja devidamente protegida de qualquer ameaça terrorista ressurgente.
- 17.** Caso o Hamas atrasse ou rejeite esta proposta, o acima, incluindo a operação de ajuda ampliada, prosseguirá nas áreas livres de terrorismo entregues pelas FDI às FSI.
- 18.** Um processo de diálogo inter-religioso será estabelecido com base nos valores de tolerância e coexistência pacífica para tentar mudar mentalidades e narrativas de palestinos e israelenses, enfatizando os benefícios que podem ser derivados da paz.
- 19.** À medida que o redesenvolvimento de Gaza avança e quando o programa de reforma da Autoridade Palestina é fielmente executado, as condições podem

finalmente estar reunidas para um caminho confiável para a autodeterminação e o Estado palestino, que reconhecemos como a aspiração do povo palestino.

20. Os Estados Unidos estabelecerão um diálogo entre Israel e os palestinos para chegar a um acordo sobre um horizonte político para uma coexistência pacífica e próspera. **Fonte-Reuters.**

Plano vazado para a Autoridade da Faixa de Gaza liderado por Tony Blair atrai críticas palestinas



Um rascunho vazado da proposta para um órgão governamental pós-guerra em Gaza, incluindo o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair (foto), provocou alarme entre as figuras palestinas, que alertam que isso os deixaria de lado em favor de autoridades internacionais e separaria Gaza da Autoridade Palestina na Cisjordânia.

Um rascunho vazado de uma proposta para um órgão governamental pós-guerra em Gaza provocou alarme entre figuras palestinas, que alertam que isso os deixaria de lado em favor de autoridades internacionais e separaria Gaza da Autoridade Palestina na Cisjordânia.

O documento confidencial de 21 páginas, visto e confirmado pelo The Guardian e pelo Haaretz, delineou uma Autoridade Internacional de Transição de Gaza chefiada por uma cadeira com amplos poderes. Entre os sugeridos para cargos estão Sir Tony Blair, ex-primeiro-ministro do Reino Unido, o bilionário egípcio Naguib Sawiris, Marc Rowan, da Apollo Global Management, e Aryeh Lightstone, ex-conselheiro do embaixador do presidente dos EUA, Donald Trump, em Israel. Fontes disseram que os nomes eram ilustrativos e usados sem permissão.

O plano prevê um conselho de sete a dez membros aprovado pelo Conselho de Segurança da ONU, com apenas um membro palestino "do sector empresarial ou de segurança".

O conselho tomaria "decisões vinculativas", emitiria legislação e supervisionaria as nomeações, de acordo com o documento. Seu presidente "definiria a direcção política e estratégica do GITA" e lideraria a diplomacia com Israel, Egito e EUA, sem mencionar a Autoridade Palestina. "Você teria um conselho com a maioria dos membros

estrangeiros legislando para os palestinos em Gaza", disse Xavier Abu Eid, ex-membro da equipe de negociação diplomática da Organização para a Libertação da Palestina.

"Já existe suspeita de Tony Blair por causa da experiência palestina quando ele era o representante do Quarteto (do grupo de mediação da ONU, EUA, UE e Rússia). Mas o maior é sobre o que isso significa para a Palestina como uma entidade política única, algo que foi reconhecido até mesmo por Israel nos Acordos de Oslo. Este plano efectivamente separa legalmente Gaza da Cisjordânia e não faz nada para explicar como eles permanecerão parte do mesmo território", acrescentou Eid. Uma fonte próxima a Blair disse que, embora ele tenha estado envolvido nas negociações, "o princípio orientador é que Gaza é para os habitantes de Gaza, sem deslocamento da população". A fonte acrescentou: "Não apoiamos ou endossamos qualquer proposta que envolva o deslocamento de moradores de Gaza. O documento afirma que qualquer órgão de governo de transição para Gaza acabaria por devolver a autoridade à Autoridade Palestina, como parte de um caminho para um Estado palestino.

Mustafa Barghouti, secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina, disse ao Washington Post: "Já estivemos sob o colonialismo britânico. Ele tem uma reputação negativa aqui. Se você mencionar Tony Blair, a primeira coisa que as pessoas mencionam é a guerra do Iraque. O rascunho surgiu antes de uma reunião no Salão Oval entre o presidente dos EUA, Donald Trump, e o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu.

Trump disse a repórteres na semana passada: "Estamos muito perto de um acordo sobre Gaza". Ele prometeu um cessar-fogo imediato, a libertação de todos os reféns dentro de 48 horas e uma retirada gradual de Israel, de acordo com autoridades árabes informadas sobre o plano. **Fonte-Reuters.**

Região árabe garante US\$ 351 bi em projectos internacionais de energia renovável



No nível corporativo, a ACWA Power do Reino da Arábia Saudita liderou a lista em volume de projectos com 20 iniciativas, enquanto a Infinity Power, com sede nos Emirados Árabes Unidos, liderou em valor, com projectos totalizando US\$ 34 bilhões.

O mundo árabe atraiu 360 projectos estrangeiros de energia renovável entre janeiro de 2003 e dezembro de 2024, com investimentos superiores a US\$ 351 bilhões e gerando mais de 83.000 empregos, de acordo com um novo relatório da Arab Investment and Export Credit Guarantee Corp., conhecida como Dhaman.

Cinco países - Egipto, Marrocos, Emirados Árabes Unidos, Mauritânia e Jordânia – lideram com 248 projectos, ou 69% do total, com um valor de investimento combinado de US\$ 291 bilhões. Os Emirados Árabes Unidos lideraram o investimento regional em energia renovável nas últimas duas décadas, atraindo 57 projectos no valor de US\$ 88,5 bilhões, o equivalente a um quarto do investimento total e gerando mais de 16.000 empregos. Olhando para o futuro, a geração de electricidade em 15 países árabes deve se expandir em 4,2%, ultrapassando 1.500 terawatts-hora em 2025 e subindo para 1.754 terawatts-hora até 2030. A produção permanecerá concentrada no Reino da Arábia Saudita, Egipto, Emirados Árabes Unidos, Iraque e Argélia, que juntos representam quase três quartos da produção. O consumo deve subir 3,5%, para 1.296 terawatts-hora em 2025, liderado pelo Reino da Arábia Saudita, Egipto, Emirados Árabes Unidos, Argélia e Kuwait. O comércio de electricidade e equipamentos de geração de energia também aumentou, com o comércio exterior do sector subindo 8%, para US\$ 39,2 bilhões em 2024. As exportações aumentaram 9%, para US \$ 7,6 bilhões, enquanto as importações aumentaram 7,8%, para US \$ 31,5 bilhões. O Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Marrocos, Iraque e Qatar responderam por 81% desse comércio.

A Turquia emergiu como o maior exportador de eleCtricidade da região, com US\$ 446 milhões, enquanto os EUA dominaram o fornecimento de equipamentos de energia, com US\$ 6,6 bilhões. Do lado das importações, a Líbia foi o maior comprador regional de electricidade, com US\$ 59 milhões, enquanto a França liderou as importações de equipamentos de energia, com US\$ 593 milhões. Com sede no Kuwait, a Dhaman foi criada em 1974 como uma entidade árabe conjunta de propriedade dos estados membros e quatro instituições financeiras regionais. Seu último relatório é o segundo estudo sectorial de 2025 focado em electricidade e energia renovável nas economias árabes. **Fonte-Arab News.**

Príncipe herdeiro do Bahrein e o Papa Leão XIV, analisam diálogo entre culturas



O Príncipe herdeiro do Bahrein, Salman bin Hamad Al-Khalifa, discutiu ontem segunda-feira a cooperação em diversos campos com o Papa Leão XIV durante uma visita ao Estado da Cidade do Vaticano.

O Príncipe herdeiro e primeiro-ministro do Bahrein, Salman bin Hamad Al-Khalifa, discutiu ontem segunda-feira a importância de promover valores de tolerância e coexistência em todo o mundo com o Papa Leão XIV durante uma visita ao Estado da Cidade do Vaticano.

O Príncipe Salman enfatizou a dedicação do Bahrein em defender a liberdade religiosa e proteger o direito de culto. Ele também ressaltou a importância de aumentar a cooperação em diversos campos, de acordo com a Agência de Notícias do Bahrein. Ele

também destacou que as inúmeras mesquitas, igrejas e templos no Bahrein reflectiam a dedicação do país à paz e à harmonia, bem como seu compromisso em incentivar o diálogo entre as culturas e enfatizou o papel do Papa na promoção da coexistência, tolerância, e paz, bem como na promoção da compreensão religiosa e da solidariedade entre as religiões. Vários altos funcionários também participaram na reunião, incluindo o Sheik Isa bin Salman bin Hamad Al-Khalifa, ministro da Corte do primeiro-ministro; Abdullatif bin Rashid Al-Zayani, ministro das Relações Exteriores; e Sheikh Salman bin Khalifa Al-Khalifa, ministro das finanças e economia nacional. **Fonte-Reuters.**

Djibuti pede acção urgente em Gaza e Sudão e destaca necessidade de reforma da ONU



Em um discurso na Assembleia Geral da ONU, o embaixador e representante permanente do Djibuti descreveu a situação em Gaza como "horror indescritível", onde "crianças são mortas diariamente com impunidade" e a fome está sendo usada como arma de guerra.

O Djibuti pediu ontem segunda-feira uma acção internacional imediata para lidar com a crise humanitária em Gaza e enfatizou a importância de apoiar um Estado palestino viável, ao mesmo tempo em que destacou a necessidade de reformas na ONU e em seu Conselho de Segurança. Em um discurso na Assembleia Geral da ONU, o embaixador e representante permanente do Djibuti descreveu a situação em Gaza como "horror indescritível", onde "crianças são mortas diariamente com impunidade" e a fome está sendo usada como arma de guerra.

Mohamed Siad Doualeh também condenou as repetidas violações das leis que regem o uso da força, citando bombardeios, ataques e assassinatos extraterritoriais israelenses. Ele reafirmou a solidariedade do Djibuti com a Palestina, observando que, enquanto a comunidade internacional trabalha para reviver a solução de dois Estados, "Israel está ocupando e enterrando não apenas a ideia de dois Estados, mas também a possibilidade de um futuro Estado palestino viável e soberano". Ele acrescentou: "O povo palestino é resiliente e corajoso. A comunidade internacional está igualmente determinada. A solução de dois Estados é a única capaz de atender às aspirações legítimas do povo palestino e alcançar uma paz duradoura."

Doualeh condenou a agressão israelense contra o Qatar e reafirmou seu apoio ao Estado do Golfo, ao mesmo tempo em que alertou para os perigos mais amplos da fragmentação geopolítica na região, do Sudão ao Sahel. Ele descreveu o conflito no Sudão como uma "guerra fraticida" que causa enormes baixas civis, destruição generalizada e deslocamento. Ele pediu um cessar-fogo imediato e uma resposta internacional coordenada e enfatizou que a ONU continua sendo uma plataforma crítica para a acção colectiva, mas alertou que sua eficácia está se tornando cada vez mais prejudicada. "O Conselho de Segurança está paralisado pelo uso sistemático do voto", disse ele, acrescentando que o direito internacional e as normas estabelecidas há muito tempo

estão sendo "perigosamente desafiadas". Ele pediu um compromisso renovado com o multilateralismo, dizendo que a ONU não deve permanecer "um teatro simbólico, vigilante sobre sua imagem, mas surdo aos requisitos de reforma".

Doualeh pediu uma representação mais forte de África no Conselho de Segurança e um esforço mais amplo para fortalecer a cooperação internacional para que todas as nações possam participar efectivamente da tomada de decisões globais. "A ONU continua sendo mais essencial do que nunca", disse ele. "Devemos trabalhar juntos para dar um significado renovado ao multilateralismo e reforçar a cooperação no interesse de todos os Estados." **Fonte-Reuters.**

Governo da Nova Zelândia criticado por não reconhecer a Palestina



O primeiro-ministro Christopher Luxon afirmou anteriormente que o reconhecimento da Palestina pela Nova Zelândia era uma questão de "quando, não se".

O fracasso da Nova Zelândia em reconhecer o Estado palestino foi recebido com críticas em todo o país por parte de políticos e activistas. Esperava-se que o governo reconhecesse a Palestina em linha com países como Reino Unido, Canadá e Austrália na Assembleia Geral da ONU em Nova York. No entanto, o ministro das Relações Exteriores, Winston Peters, não deu esse passo em seu discurso no passado sábado. "Com uma guerra em andamento, o Hamas permanecendo o governo de facto de Gaza e sem clareza sobre os próximos passos, muitas perguntas permanecem sobre o futuro Estado da Palestina para que seja prudente que a Nova Zelândia anuncie o reconhecimento neste momento", disse ele. Foi uma surpresa para muitos após a afirmação anterior do primeiro-ministro Christopher Luxon de que o reconhecimento pela Nova Zelândia era uma questão de "quando, não se".

A ex-primeira-ministra Helen Clark criticou a decisão de não reconhecer a Palestina, dizendo que coloca a Nova Zelândia "muito do lado errado da história". Ela disse à emissora RNZ: "À medida que mais e mais países se movem para ver que o reconhecimento da Palestina é parte de um processo de mudança em direcção a uma solução, a Nova Zelândia está ficando para trás por razões que fazem muito pouco sentido". Em outros lugares, membros de clérigos protestantes e católicos romanos se acorrentaram ao gabinete do ministro da imigração em protesto. No início deste mês, milhares foram às ruas de Auckland para exigir que o governo de coalizão reconheça o Estado palestino. O grupo de direitos humanos Justiça para a Palestina disse que a inação mostra que a Nova Zelândia é "um país confuso sobre sua posição no mundo".

O Partido Verde chamou a posição do governo de "uma mancha". O porta-voz de relações exteriores do Partido Trabalhista, Peeni Henare, disse: "O reconhecimento da Palestina e as sanções a Israel enviam uma mensagem clara a Israel e ao mundo: a Nova

Zelândia não ficará parada enquanto Israel desconsiderar a vida e a dignidade humanas e o direito internacional". Ele acrescentou: "Luxon teve a chance de defender o que é certo, mas falhou". A Palestina já foi reconhecida por 157 dos 193 Estados-membros da ONU. **Fonte-Arab News.**

Sobre as alterações climáticas, o mercado está novamente errado



FIONA WATSON

30 de setembro de 2025



Os sistemas e processos do mundo continuam mal equipados para medir e gerenciar os riscos sistêmicos representados pelas mudanças climáticas

Enquanto líderes empresariais, governamentais e sem fins lucrativos debatem o futuro da acção climática antes da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas COP30 em novembro no Brasil, a economia global permanece vulnerável a choques agudos e crônicos causados pelo clima, cujo impacto pode ser mais severo do que o da crise financeira global de 2008. Em um momento em que muitos governos e empresas continuam a subestimar o risco climático físico, devemos lembrar que nem os mercados financeiros nem os reguladores estão sempre certos. E se sua complacência actual sobre os riscos climáticos for catastroficamente errada?

A crise financeira de 2008 e suas consequências mostraram a rapidez com que nossas expectativas podem ser destruídas. Em meados dos anos 2000, a desregulamentação e a simplificação eram a norma: os balanços patrimoniais eram escassos e os lucros e perdas eram altos. A engenharia financeira cresceu à medida que os riscos eram empacotados, diluídos e ofuscados, e à medida que o crédito era dado onde não havia sido ganho.

Diante de tudo isso, as expressões de preocupação foram abafadas pelo barulho das transações. Mas os sinais estavam lá. Os fundamentos não estavam certos.

No final de 2008, a economia global estava à beira do colapso. No espaço de dias, gigantes bancários de longa data foram varridos. Apenas os resgates do governo impediram que todo o sistema financeiro derretesse.

O sector bancário pós-crise parece muito diferente daquele que o precedeu. Devido a regras mais rígidas e supervisão mais rígida, a boa governança e a resiliência restauraram a confiança no sector bancário. Os investidores de longo prazo - fundos de pensão e seguradoras - suportaram pacientemente anos de recuperação cara antes que o valor fosse restaurado e os dividendos fossem retomados. Se os bancos tivessem ido embora, também teriam essas participações e a maior parte do sistema financeiro de hoje com eles.

A era pós-crise foi marcada pela humildade colectiva e aceitação do risco sistêmico. Isso se reflectiu no reconhecimento do Conselho de Estabilidade Financeira em 2015 das mudanças climáticas como talvez a maior ameaça sistêmica de todas.

Dez anos depois, no entanto, nossos sistemas e processos permanecem mal equipados para medir e gerenciar os riscos sistêmicos representados pelas mudanças climáticas. Com o foco nas questões climáticas escorregando nas agendas dos investidores, esse é um lapso perigoso. De cadeias de suprimentos quebradas e activos danificados a choques de infraestrutura, crises de saúde pública e interrupções na comunidade, muitas empresas já estão sentindo o profundo impacto das mudanças climáticas.

O problema também não se limita a desastres que ganham as manchetes. Efeitos sutis e crônicos estão silenciosamente corroendo o valor, muitas vezes de maneiras que nossos sistemas estão mal equipados para detectar ou gerenciar. Mais uma vez, os fundamentos não estão certos.

Dados da NASA ressaltam esse ponto. Os satélites dos EUA mostram que a intensidade dos eventos climáticos extremos é agora o dobro da média registrada no período 2003-2020. Essa tendência tem consequências trágicas para o bem-estar humano. Em África, por exemplo, 23 milhões de pessoas enfrentaram fome aguda em 2023, devido a secas recordes.

A economia global também está sofrendo. Uma pesquisa do Fórum Econômico Mundial descobriu que os danos relacionados ao clima em empresas, infraestrutura e outros ativos fixos podem ter quase triplicado desde 2000. A conta da última década chegou a US\$ 2 trilhões, com custos somente em 2022-23 chegando a US\$ 451 bilhões.

No entanto, em vez de tomar medidas para mitigar esses riscos, muitos investidores, corporações e governos continuam a incentivar actividades que os agravam. As empresas líderes devem lutar para convencer seus conselhos e investidores a comprar estratégias voltadas para o futuro. Os Bancos - os administradores tradicionais de oportunidades - estão lutando para gerenciar o risco de empréstimo associado a tecnologias novas e emergentes. O caso de negócios para resiliência preventiva e inovação simplesmente não é claro o suficiente para superar o fascínio do status quo. Em outras palavras, os mercados estão errando muito mais uma vez.

Uma excepção é o sector de seguros. Especialistas em risco de preços, essas empresas estão aprendendo rápido. Entre 2023 e 2024, desastres relacionados ao clima forçaram as seguradoras a desembolsar US\$ 143 bilhões em pagamentos de sinistros. Mais e mais deles estão fazendo as contas e concluindo que a cobertura climática simplesmente não faz sentido. Eles devem aumentar os prêmios para níveis exorbitantes ou sair completamente do mercado de risco de desastres.

O último cenário é muito provável. Gunther Thallinger, membro do conselho da seguradora global Allianz, alertou recentemente que "regiões inteiras estão se tornando não seguráveis" à medida que as principais classes de activos se degradam "em tempo real". Se os mercados não perceberam isso, é porque leva tempo para trabalhar no sistema.

Os paralelos com crises passadas são claros. Mais uma vez, as expressões de preocupação estão sendo abafadas. Desta vez, porém, os riscos são maiores, os efeitos são mais generalizados e as consequências serão irreversíveis. A economia global tem um enorme ponto cego e, ao contrário de 2008, não há ninguém do lado vencedor da aposta vendida. Todos nós perderemos.

Claro, há uma diferença entre um ponto cego sistêmico e um comum. Sabemos que o ponto está lá, mas nosso sistema financeiro não pode resolvê-lo até que seja traduzido em termos monetários. Para isso, precisamos mobilizar acções executivas em todo o sector privado para melhorar a forma como medimos, gerenciamos e respondemos aos riscos climáticos. Trabalhando com provedores de capital, definidores de padrões e formuladores de políticas, precisamos alinhar informações accionáveis com a necessidade de alocar capital para mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Mas ter os números não é suficiente. Parafraseando Ernest Hemingway, o colapso climático é um processo que acontece gradualmente, depois de repente. Empresas e investidores devem criar e manter a capacidade de mudanças rápidas em nossas organizações e em nossas cadeias de valor e esferas de influência. Isso começa com humildade e aceitação do risco sistêmico.

A crise financeira de 2008 chocou o mundo e demonstrou que nada pode ser dado como certo. As apostas agora são muito maiores e não pode haver resgates. Temos de prosseguir com uma acção preventiva e temos de o fazer imediatamente.

Fiona Watson é vice-presidente do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável. Direitos Autorais: Project Syndicate.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

